

A Produção do Conhecimento Geográfico

6

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 6 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-83-3

DOI 10.22533/at.ed.833181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 16 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase no planejamento urbano.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a estudos do planejamento urbano. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

CONCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DO PLANEJAMENTO URBANO

CAPÍTULO 1	1
A DIMENSÃO TERRITORIAL DA POLÍTICA PÚBLICA DE C,T&I	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Ana Cristina de Almeida Fernandes	
CAPÍTULO 2	21
A PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA DE CONVENIÊNCIAS, TURISMO E LAZER: O CASO DE PARNAMIRIM-RN	
Antonio Tadeu Pinto Soares Junior	
CAPÍTULO 3	30
A REDE DE GESTÃO DAS EMPRESAS PRIVADAS E PÚBLICAS COMO ORDENADORAS DO TERRITÓRIO BRASILEIRO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI	
Paulo Wagner Teixeira Marques Miguel Ângelo Ribeiro	
CAPÍTULO 4	42
AS MÚLTIPLAS FORMAS DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO DO BAIRRO DE DEODORO-CIDADE DO RIO DE JANEIRO: DA VILA MILITAR AOS NOVOS VETORES TECNOLÓGICOS PARA A REALIZAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016.	
Renato Candido da Silva Regina Célia de Mattos	
CAPÍTULO 5	51
CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO URBANO INCLUSIVO: POR UMA “GEOGRAFIA DA DEFICIÊNCIA”	
Anna Paula Lombardi Cicilian Luiza Löwen Sahr	
CAPÍTULO 6	62
FRAGILIDADE INSTITUCIONAL E CRISE DO PLANEJAMENTO URBANO NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE: UMA CRÍTICA À CIDADE COMO NEGÓCIO	
Aduino Gomes Barbosa	
CAPÍTULO 7	72
INSTRUMENTOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO GOVERNAMENTAL	
Maria José Andrade da Silva	
CAPÍTULO 8	82
METRÓPOLES, GOVERNANÇA METROPOLITANA E CONSÓRCIOS INTERMUNICIPAIS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO.	
Thiago Giliberti Bersot Gonçalves Ana Lucia Nogueira de Paiva Britto Eliane Ribeiro de Almeida da Silva Bessa	

CAPÍTULO 9	91
O PARQUE URBANO DA REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS E A PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS CONCEBIDO E VIVIDO.	
Jaqueline Lessa Maciel Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 10	104
O PLANO DIRETOR COMO INSTRUMENTO DO PLANEJAMENTO URBANO: LIÇÕES DO EVENTO SOCIOAMBIENTAL DA REGIÃO SERRANA E O CASO DE NOVA FRIBURGO.	
Luciana Herdy Messa	
CAPÍTULO 11	117
OS SENTIDOS DOS MUROS E AS ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO SOCIAL: RESIDENCIAIS FECHADOS EM CIDADES NÃO METROPOLITANAS	
Patrícia Helena Milani Eda Maria Góes	
CAPÍTULO 12	127
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PROMOÇÃO DO TURISMO E SUAS REPERCUSSÕES NO TERRITÓRIO GOIANO	
Rangel Gomes Godinho Ivanilton José de Oliveira	
CAPÍTULO 13	137
POLÍTICAS PÚBLICAS, ESCALA LOCAL, E O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Gustavo Junger da Silva	
CAPÍTULO 14	154
POLÍTICAS TERRITORIAIS NA AMÉRICA DO SUL: INTENCIONALIDADES E PRESSUPOSTOS DO ORDENAMENTO TERRITORIAL E SUAS VINCULAÇÕES COM A INTEGRAÇÃO REGIONAL	
Claudete de Castro Silva Vitte	
CAPÍTULO 15	169
URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA E QUALIDADE DE VIDA PARA “CIDADES INTELIGENTES”: UM DEBATE A PARTIR DOS INDICADORES DO IMRS NA MICRORREGIÃO DE ARAXÁ, MINAS GERAIS	
Josimar dos Reis de Souza Beatriz Ribeiro Soares	
CAPÍTULO 16	181
SUPERMERCADOS E ESTRATÉGIAS ESPACIAIS: ASPECTOS DA DINÂMICA URBANA E DO CONSUMO EM FORTALEZA-CE	
Tiago Fernando Gomes Barbosa	
SOBRE A ORGANIZADORA	192

OS SENTIDOS DOS MUROS E AS ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO SOCIAL: RESIDENCIAIS FECHADOS EM CIDADES NÃO METROPOLITANAS

Patrícia Helena Milani

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul -
UFMS

Três Lagoas – Mato Grosso do Sul

Eda Maria Góes

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Presidente Prudente – São Paulo

RESUMO: Considerando as motivações que levaram os sujeitos sociais a optarem por morar em residenciais fechados, objetivamos identificar os sentidos que os muros e outros elementos internos adquirem para os moradores desses espaços, adotando como recorte espacial as cidades de Catanduva e São José do Rio Preto (SP). Tendo o cotidiano, unidade de espaço e tempo, enquanto escala de análise, consideramos que os muros exercem tanto um papel de barreira material, quanto de limite simbólico, que influenciam nas práticas dos moradores e na elaboração das subjetividades espaciais, ao valorizarem elementos internos desses espaços em suas narrativas, integrando um “novo estilo de vida”, no qual, a segurança e o controle estão entre os aspectos representados mais positivamente, embora, de forma subliminar, o que se busca são diferentes estratégias de distinção social.

PALAVRAS CHAVE: Residenciais fechados; Catanduva/SP; São José do Rio Preto/SP.

ABSTRACT: Considering the motivations that led the social subjects to choose to live in closed residential, aimed to identify the meanings that the walls and other internal elements acquire for the residents of these areas, adopting spatial area as the cities of Catanduva and São José do Rio Preto (SP). Having daily, unit of space and time, while scale analysis, we consider that the walls exert both a paper barrier material, the symbolic threshold, influencing the practices of the residents and the development of spatial subjectivities, valuing the internal elements of these spaces in their narratives, integrating a “new lifestyle” in which, security and control are among the issues represented more positively, though, in a subliminal way, what is sought are different strategies of social distinction.

KEY - WORDS: Closed Residential; Catanduva /SP; São Jose do Rio Preto /SP.

1 | INTRODUÇÃO

“Os muros mantêm aquilo que você quer fora mesmo, é super burguês.”

Rosí, moradora entrevistada.

Para a elaboração desse texto, partimos da necessidade de compreender os sentidos que os muros e a segurança exercem nas práticas espaciais e nas subjetividades produzidas

pelos moradores de espaços residenciais fechados de classe média, considerando as narrativas que justificam a opção por morar nesses espaços fechados, bem como as múltiplas relações socioespaciais que mantêm entre o interior e o exterior desses espaços.

Fundamentando a análise, está o entendimento de que a definição de classes sociais não pode se restringir a renda e ao padrão de consumo; embora esses aspectos sejam importantes, levamos em conta um estilo de vida e uma visão de mundo prática desses sujeitos, que se materializa no cotidiano, podendo garantir a reprodução de uma classe ao longo do tempo (SOUZA, 2010). Como recorte espacial, temos duas cidades do Estado de São Paulo, Catanduva e São José do Rio Preto que possuem tamanhos populacionais distintos, respectivamente 118.853 e 438.354, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Os instrumentos metodológicos eleitos para a pesquisa foram as entrevistas e as observações de campo, as últimas feitas principalmente quando realizamos as entrevistas nas residências dos(as) moradores(as).

As entrevistas foram realizadas a partir de roteiros semi-estruturados, porém, incorporamos novos questionamentos no momento da conversa, sempre que isso pareceu pertinente. Procuramos privilegiar a fala desses sujeitos sociais, seus depoimentos sobre as experiências vividas espaço-temporalmente, as razões que apresentam para justificar suas escolhas relacionadas à moradia e o modo como avaliam tais experiências. As narrativas analisadas no texto foram produzidas em entrevistas com Carlos, Letícia, Rosí e Selma (todos os nomes dos entrevistados são fictícios), sendo os dois primeiros moradores do Recanto Real e as duas últimas do Residencial Village Damha I, de São José do Rio Preto; e de Karen, Lucas, Marta e Maurício do Residencial Acapulco, na cidade de Catanduva.

2 | NOVO ESTILO DE VIDA E RELAÇÕES DE DISTINÇÃO

Uma das primeiras questões previstas no roteiro de entrevista que elaboramos, refere-se aos motivos que justificam a opção por morar num residencial fechado. Nas respostas, exceto Karen e Letícia, que depois da mudança passaram a valorizar essa característica, foi recorrente à referência à busca por segurança, como um dos principais motivos. Porém, ao longo das narrativas, verificamos diversos elementos valorizados pelos moradores, atrelados a uma tentativa, tanto de diferenciação de alguns aspectos inerentes à cidade, quanto de outros espaços residenciais fechados, deixando a segurança citada no início das entrevistas em segundo plano, ou ainda, expandindo seus sentidos.

Sem desconsiderar sua relevância para essa opção, nossa hipótese é que a busca por segurança seja, sobretudo, um álibi (LEFEBVRE, 1991), e que as estratégias voltadas à distinção social correspondem a um importante conjunto de

características, tanto vendidas pelo mercado imobiliário, quanto consumidas e (re) produzidas por aqueles que optam por morar nesses espaços. Essa é uma questão que merece atenção, pois, ao se mudarem, esses moradores engendram e vivenciam mudanças objetivas - mudança de casa e trajetos na cidade, por exemplo – mas, sobretudo, mudanças subjetivas, não menos importantes nesse contexto, uma vez que delineiam práticas espaciais que influenciam diretamente na produção do espaço urbano. Num movimento de simultaneidade, tais práticas são produzidas pelo e no espaço (LEFEBVRE, 1991).

A partir dessa hipótese e desses pressupostos, dois questionamentos permearam o desenvolvimento do texto: quais foram as principais mudanças nos estilos de vida daqueles que se mudaram para os espaços residenciais fechados e como se expressam espacialmente? Quais os sentidos dos muros e dos outros elementos valorizados em suas narrativas?

Levando em conta que os relatos das práticas espaciais obtidos por meio das entrevistas nem sempre correspondem ao ocorrido, os consideramos, sobretudo, como uma reconstrução do vivido frente ao sujeito pesquisador. Por isso, compreendemos o que se comunica como uma versão interpretada do vivido (LINDÓN, 2008, p. 19), uma vez que a experiência, ao ser comunicada, é moldada pelas palavras, que omitem alguns aspectos e ressaltam outros. Nas narrativas, os sujeitos constroem simultaneamente os sentidos e significados das experiências vividas, sendo estes importantes para nossa interpretação.

As falas que seguem estão agrupadas por semelhanças de elementos e direcionamento das respostas. Apesar de haver mais semelhanças que diferenças entre elas, procuramos ressaltar a heterogeneidade derivada, sobretudo das experiências vividas cotidianamente de cada um.

[Por que morar em um condomínio fechado?]

Na verdade a gente nem escolheu, foi assim: morávamos em apartamento e enquanto era só eu e meu marido, estava ótimo (...), daí quando meu filho nasceu, eu comecei a ficar mais em casa e comecei a me sentir presa e ele também (...). E aí nós começamos a procurar terreno, só que aqui em Catanduva não tinha terreno em bairro bom. Assim você não achava mais. Foi quando eu conheci aqui, o corretor nos trouxe, eu fiquei encantada, nós gostamos de tudo do condomínio, mas na época que nós compramos, se eu falar para você que nós estávamos pensando assim em segurança, não (...). Mas, então, foi mais por isso mesmo, por ser um lugar legal, eu achei, e um terreno que apareceu de um tamanho bom (...). (Karen, professora, 40 anos, Catanduva)

Olha, sair do apartamento, a gente tomou a decisão por causa de espaço, falta de espaço, tenho duas crianças, então pra gente seria melhor morar numa casa, e por questão de segurança, eu optei por condomínio fechado. (Marta, empresária, 38 anos, Catanduva)

Foi mais pela criança e vontade de morar em casa (...). Meu marido prestou um concurso e viemos para cá, fomos primeiro para um apartamento, não conhecíamos a cidade, achamos o apartamento mais seguro e só depois decidimos construir.

Aqui é outra vida. (Selma, dona de casa, 42 anos, São José do Rio Preto)

A minha sogra mora aqui e eu vinha visitar, achei interessante, um lugar bonito e um lugar mais tranquilo para se morar (...). A questão da segurança, que todo mundo fala, veio depois (...). Então eu escolhi mais porque o ambiente era gostoso, parecia até que você estava em outra atmosfera que não era aquela da rua (...), aí depois que veio a questão da segurança, depois que você muda, que você começa achar legal poder sair a qualquer hora na rua (...). Quando eu vim conhecer aqui, eu vi o lago, o lugar todo, parecia que você estava em um outro lugar (...), não tem aquele fluxo grande de carro, aquela coisa. De certa forma, é uma segurança, mas não aquele segurança de “estou segura por estar num lugar fechado”, mas um outro tipo de segurança, de você ficar mais a vontade (...). (Leticia, empresário, 50 anos, São José do Rio Preto)

Primeiro, eu tinha anseio de ter uma casa grande com um projeto do meu gosto, *lá [no residencial]* as casas são de um padrão muito bom. Aquela questão também da liberdade, de você ter uma casa sem grade, sem câmera, sem alarme, isso também me chamou muito atenção, porque eu gosto daquele estilo americano de viver (...). Segundo motivo, o valor do condomínio é muito barato perto do que se oferece (...). Segurança também é um ponto, o condomínio oferece uma segurança maior que a do prédio (...). E também porque *lá* moram pessoas que eu tenho convívio já há algum tempo, de amizade, então eu quis unir tudo isso, o ideal de ter uma boa casa, grande, aberta, sem ter que me preocupar com questões de segurança (...). (Maurício, 36 anos, advogado, Catanduva)

Por mais segurança. (Lucas, 32 anos, comerciante, Catanduva)

Segurança, pra mim é mais pela criança e pela esposa, mesmo porque viemos de uma cidade muito violenta que é Belém, e eu não consigo, como morei a vida toda dentro de condomínio militar, eu praticamente não consigo morar mais fora de condomínio. Eu me sinto nu. (Carlos, 49 anos, aposentado, São José do Rio Preto)

Bom, primeiro porque eu moro sozinha (...) eu sempre tive a preocupação com a segurança, desde quando eu vim para Rio Preto, eu moro em condomínio. Já faz treze anos e não considero mais a hipótese de morar na rua. (Rosí, professora universitária, 46 anos, São José do Rio Preto)

As diferentes situações narradas pelos moradores caracterizam uma polifonia (LINDÓN, 2005), quando falam da trajetória progressiva e dos fatores que influenciaram nas opções, apontando a diversidade de experiências vividas, mas que confluem na valorização dos mesmos (ou similares) elementos, sobretudo, da segurança e do “espaço”, no sentido de uma casa maior, com quintal e área de lazer, contraposto ao apartamento, onde residiam anteriormente. Porém, nessas narrativas já aparecem elementos que reforçam os mecanismos de distinção, que se tornam mais explícitos ao longo das entrevistas e que evidenciam contradições.

Com base na identificação de aspectos comuns às narrativas, mas ressaltando as particularidades de cada cidade e espaço residencial fechado da pesquisa que ajudam a compor a referida polifonia, iniciamos com a análise dos relatos de Karen e Leticia que, ao afirmarem não ter sido a segurança o motivo principal das suas escolhas, reforçam alguns elementos distintivos – tanto do espaço interno, como do estilo de vida - e, por conseguinte, a elaboração de um “domínio ilusório” (BAUMAN,

2007) desses espaços. Ao afirmar que *em Catanduva não tinha terreno em bairro bom*, Karen produziu uma hierarquização espacial (MAGRINI, 2013, p. 168) baseada em critérios socioeconômicos. A naturalização e generalização do processo de segregação socioespacial em cidades de diferentes tamanhos populacionais são assim evidenciadas. Contudo, a pesquisa empírica sobre Catanduva indica a existência de terrenos à venda em bairros predominantemente habitados pela classe média alta e elite. Quando Karen comprou o terreno no Residencial Acapulco, em 2012, existiam terrenos a venda, por exemplo, no Bairro Agudo Romão, no entanto, o preço de um terreno estava em torno de cem mil reais, enquanto o preço pago por ela foi 50% menor do que isso.

Constatamos assim que a escolha pelo residencial fechado foi movida tanto por sua construção simbólica positiva acerca do espaço e seus atributos, quanto pelo menor preço do terreno no período em que o adquiriu, em relação a outros bairros da cidade.

Por sua vez, Letícia, ao afirmar se sentir em *uma outra atmosfera que não era aquela da rua* nos espaços intramuros, acaba reforçando uma representação negativa da rua, enquanto espaço público, valorizando características internas do Residencial Recanto Real, como o lago, que citou em várias passagens da entrevista. Assim como Karen, Letícia também valorizou a segurança posteriormente à mudança para o residencial. A primeira moradora atribui a posterior valorização, dentro outros elementos à probabilidade da instalação de um presídio em Catanduva. Segundo informações de jornais locais, a instalação do presídio ainda está em negociação. Caso seja efetivada, será em uma área de 175.000 m², na Rodovia Comendador Pedro Manteleone.

Em outros trechos da entrevista, evidenciou ligação linear e discriminatória, entre a vinda dos detentos e seus familiares com aumento da violência na cidade, já constatada em outras cidades paulistas (SPOSITO e GÓES, 2013). A fala de Letícia aponta a necessidade de pensarmos na segurança em sentido amplo, para além de sua ligação com a ocorrência de crimes, sendo, sobretudo a estabilidade, um componente valorizado pelos moradores.

Nesse sentido, consideramos a estabilidade como parte integrante da segurança almejada, que envolve, por um lado, outras dimensões da vida cotidiana nesses residenciais fechados como relações de confiabilidade entre vizinhos e “liberdade” ao andarem nas vias internas. Mas, por outro lado, o mesmo cotidiano está permeado por um fetichismo do efêmero e da mobilidade, que caracterizam o período contemporâneo, e que são fatores de instabilidade (BAUMAN, 2001).

Embora mencione outros aspectos que influenciaram na sua escolha, Maurício valoriza a necessidade de se reconhecer e ser reconhecido no espaço de residência, que identifica ao “estilo americano” de viver, evidenciando assim a capacidade de manipular um conjunto de signos que possibilitem tal identificação, entre os quais, destaca-se a desconsideração dos aparatos de segurança existentes nos limites entre os espaços internos e externos do Residencial Acapulco, determinantes na separação

entre os moradores e os *outros* que desejam manter do lado de fora. Tais aparatos são sub-valorizados, quase invisibilizados, para produzir uma “nova realidade” identificada ao “estilo americano”, de modo que as distinções entre interior e exterior, inclusive os muros, são resignificados, de acordo com os interesses e as circunstâncias identificáveis ao longo das entrevistas.

Selma e Marta compartilham elementos que se combinam nos imaginários desses residenciais fechados, como segurança, comodidade, lazer e tranquilidade, materializados num espaço onde foi possível realizar o desejo de viver em uma casa espaçosa, com churrasqueira, piscina, áreas para descanso e “cozinha *gourmet*”, numa referência direta ao culto do produto desenhado para as necessidades do cliente (SOUZA, 2010, p. 42), bem como ao avanço dos serviços personalizados, “feitos para você”, que alimentam o estilo de vida vendido pelo mercado imobiliário que valoriza, além do privado, o exclusivo.

Enfim, as narrativas das moradoras indicam um processo de interiorização no interior dos muros. Mas, apesar de o mercado vender um estilo de vida que inclui o estreitamento das relações entre os moradores, principalmente com a conformação de espaços de lazer coletivos (privados, intramuros) valorizados em algumas narrativas, a vida prática nos revela resignificações dessa lógica, que acirram uma tendência existente tanto dentro, quanto fora dos muros, de “declínio da vida pública” (SENNETT, 1998). Os moradores do Residencial Acapulco (em Catanduva) relataram caminhadas no final da tarde realizadas em pista pública, localizada no entorno do aeroporto, e a realização de compras no centro tradicional da cidade. Lembrando que em Catanduva há um *shopping center* com 11. 843 m² de ABL – Área Bruta Locável, localizado em uma área contígua ao centro tradicional da cidade.

Moradores de residenciais fechados de São José do Rio Preto também relataram caminhadas e exercícios físicos em pista pública localizada nas margens da “represa” (esse espaço público foi implantado no entorno de um lago próximo de alguns residenciais fechados de São José do Rio Preto que pesquisamos, ao final da tarde, convergem dezenas de cidadãos para essas pistas de caminhada e corrida, oriundos de diferentes áreas da cidade); contudo, no âmbito do consumo, evidenciaram a preferência pelos *shopping centers*, ao invés do centro tradicional da cidade, com base em observações negativas sobre a presença das classes populares.

Carlos, ao associar, de forma metafórica, os muros às suas roupas, quando afirma que fora dos limites físicos – carregados de sentidos - do residencial se *sente nu*, e não se imaginar morando fora desses espaços fechados, com seus sistemas de controle, naturaliza essa experiência vivida espaço-temporalmente. De forma semelhante, Rosí não considera *mais a hipótese de morar na rua*, o que reafirmou em outras respostas da entrevista. Nos dois casos, uma perspectiva do futuro ligada a uma continuidade do presente, um “presente perpétuo” (JAMESON, 2006) é explicitada.

De forma geral, verificamos nas narrativas, tanto uma incorporação de representações vendidas pelo mercado imobiliário, como a (re)elaboração de suas

próprias subjetividades, capazes de propiciar justificativas simbólicas para algumas decisões (BOURDIEU, 2007). Carlos nos contou que sonha em morar no Residencial Quinta do Golfe - também em São José do Rio Preto -, que considera ainda mais exclusivo em relação ao Recanto Real, onde mora, porque é lá que vivem alguns dos sujeitos de mais alto *status* social da cidade.

É a combinação entre a presença desses sujeitos e os atributos físicos daquele condomínio que possui alta capacidade de produzir subjetividades, sustentando uma “economia coletiva do desejo” (GUATTARI, 1986, p. 26); dentre outros atributos físicos, a Quinta do Golfe possui um campo de golfe exclusivo para moradores e convidados, engendrando uma prática que integra, entre inúmeros elementos objetivos e subjetivos, um conjunto de representações positivas associadas a status e, portanto, ao “melhor lugar para se viver”, segundo Carlos.

Segundo informações do empreendimento, os terrenos na Quinta do Golfe variam entre seiscentos a mil metros quadrados, cujos preços chegam a um milhão de reais, enquanto os terrenos no Recanto Real, em que mora Carlos, possuem em média trezentos e cinquenta metros quadrados, cujos preços variam entre trezentos a quinhentos mil reais.

As referências aos restaurantes existentes no interior, tanto do Recanto Real, quanto do Village Damha I, ambos em São José do Rio Preto, são expressivas da combinação entre um atributo concreto e a produção de subjetividades ligadas ao espaço fechado de moradia. Carlos e Letícia basearam-se na sua presença para diferenciar o residencial onde moram dos outros, da mesma forma que Selma, moradora do Village Damha I. Porém, por não saberem que outros residenciais fechados da cidade também dispõem desse serviço, enfatizaram não apenas que é o único a possuir restaurante no interior dos muros, mas que é exclusivo de moradores e convidados. Sobre isso, a fala seguinte é reveladora da valorização dessa diferenciação:

[O dono do restaurante é um morador?]

Não é um morador, na verdade é arrendado. (...) antes tinha um restaurante que servia prato feito (...) como tem muito pedreiro (...) começou ficar aquela coisa assim... sabe? Os moradores começaram a não gostar, porque a gente se sentia mal de ir *lá*, tinha muita gente desconhecida, começou a descaracterizar muito (...). Depois deram uma melhorada no restaurante (...) e ficou *só* para os moradores e convidados... (Selma, dona de casa, 42 anos, São José do Rio Preto)

Compreendemos que a busca por uma identidade social seja parte de um processo de constituição simbólica (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 65), porém, no contexto da pesquisa, esse reconhecimento se dá, sobretudo, pelas semelhanças socioeconômicas, tendendo a negação da diversidade enquanto característica fundamental da vida na cidade. As narrativas evidenciam que o espaço que os moradores compreendem como provedor da igualdade (internos aos muros) é, na verdade, o oposto, espaço no qual a desigualdade se torna ainda mais explícita no âmbito da cidade, principalmente quando contrapomos algumas práticas e subjetividades produzidas pelos moradores

com os elementos concretos que caracterizam os espaços internos e externos dos residenciais fechados, ou seja, quando ampliamos a análise para a escala da cidade.

Por lado, as comparações foram recorrentes nas narrativas, tanto entre elementos que caracterizam o interior e o exterior dos muros, numa relação de valorização e desvalorização respectivamente, como entre elementos que diferenciam os próprios residenciais, citando itens supostamente exclusivos de onde moram, como o restaurante que tanto Carlos e Letícia, quanto Selma, acreditam ser exclusividade de cada residencial. Nesse caso, a exclusividade, mesmo que suposta, está diretamente relacionada à hierarquização entre os próprios espaços residenciais fechados.

Por outro lado, as narrativas dos moradores do Residencial Acapulco, em Catanduva, evidenciaram estratégias de distinção entre moradores, na escala do condomínio, principalmente do ponto de vista do consumo. No âmbito do recorte espacial dessa pesquisa, a diferença, sobretudo quantitativa, entre número de residenciais fechados de Catanduva e de São José do Rio Preto ajuda a compreender tais estratégias; Há três residenciais fechados em Catanduva, porém no início da pesquisa, apenas o Residencial Acapulco possuía moradores. São José do Rio Preto possui mais de trinta residenciais fechados de classe média.

Mas, em sentido mais amplo, da sociedade brasileira, é preciso levar em conta que o poder econômico pressupõe o exercício de uma dominação simbólica que lhe é concomitante (SOUZA, 2010, p. 40), assim, os produtos simbólicos mais valorizados são sempre os que mais se aproximam dos consumidos pela elite. Além disso, outras evidências de tal dominação simbólica que se expressam em práticas espaciais foram mencionadas:

Não, bom aqui também não passa vendedores, não passam nem para pedir, nem para vender. Eu acho ótimo, não entra ninguém sem interfonar, ninguém te pega de surpresa, (...), e se você mora num bairro aberto, *aí* o pessoal bate, toca a campainha, e aqui não, é tudo avisado, e não tem problema nenhum. (Selma, dona de casa, 42 anos, São José do Rio Preto)

A moradora não hesitou em ressaltar o controle do residencial que não permite a entrada de alguém sem que seja anunciado pelo interfone, mostrando uma satisfação pela previsibilidade dos encontros e principalmente pelos não encontros com aqueles que não terão autorização para entrar: pedintes, vendedores ambulantes... Verificamos que os muros e o caráter privado desses empreendimentos são pautados na despreocupação com a ordem urbana como um todo e, portanto, num estilo de vida exclusivo e excludente (CALDEIRA, 2000, p. 309). Selma, ao caracterizar o restaurante do residencial, reforçou distâncias e diferenças, sobretudo simbólicas, substanciadas em regras e normas, que tendem tanto a marcar posições de cada sujeito, quanto valorizar a neutralização das imprevisibilidades próprias da cidade.

Porém, não desconsideramos que o cotidiano vivido engendra situações que implicam na impossibilidade do fechamento em uma totalidade sincrônica (MASSEY, 2008, p. 168), seja pelos funcionários e prestadores de serviços que entram e saem

cotidianamente desses espaços, seja pelas imprevisibilidades presentes, mesmo que de modo esporádico.

Conforme relataram em diferentes momentos das entrevistas, nem mesmo o emprego de mecanismos de controle cada vez mais sofisticados e discriminatórios, diretamente relacionados com a incontornável necessidade de defrontar-se cotidianamente com esses trabalhadores pobres, elimina a ocorrência das imprevisibilidades que consideram, no entanto, mais evitáveis do que seriam nos espaços públicos.

3 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Buscando dar resposta aos questionamentos iniciais, consideramos que o estilo de vida em constituição visa, por um lado, o afastamento socioespacial em relação às classes populares e, por outro, uma aproximação da elite, produzindo um sistema de diferenças, em que o espaço desempenha um papel estratégico, uma vez que seus atributos físicos, além de produzir subjetividades, definem as escalas das comparações e estratégias de diferenciações. Estas, por sua vez, integram um movimento de simultaneidade que, ao serem produzidas, produzem espaços de distinção.

Não é possível, no entanto, ignorar a polifonia que caracteriza as narrativas obtidas, relacionadas tanto às experiências sociais diversas dos entrevistados, quanto às diferenças entres os espaços residenciais fechados pesquisados em Catanduva e São José do Rio Preto e entre as duas cidades.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Antropos, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 2 ed. Petrópolis, 1986.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural**. Reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; _____. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 63-85.

KESSLER, Gabriel. **El sentimiento de inseguridad**: sociología del temor al delito. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LINDÓN, Alicia. **El mito de la casa propia y las formas de habitar**. In: Scripta Nova. Universidad de Barcelona. vol. IX, n. 194, 2005. p.

MAGRINI, Maria Angélica. **Vida em enclaves**: imaginários das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1998.

SPOSITO, Maria Encarnação e GÓES, Eda Maria. **Espaços residenciais fechados**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-83-3

